

COMUNIDADE: A busca por segurança no mundo atual – Zygmunt Bauman

Luize Castro Garim¹

A obra *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*, escrita por Zygmunt Bauman, é composta por nove capítulos, uma pequena introdução e um posfácio. Para melhor compreendê-la, é necessário um prévio conhecimento de alguns conceitos criados pelo autor pois, nela, ele se utiliza novamente de suas já consagradas expressões (como *modernidade líquida* e *modernidade sólida*), além de revisitar - com mais detalhes - o conceito de *comunidade cabide*, ideia que já havia sido pincelada em na sua obra *Modernidade Líquida*. Seus capítulos, os quais serão aqui comentados, nos fazem refletir a inserção do indivíduo no mundo atual e são terrenos férteis para se construir distintos olhares sobre questões que, via de regra, têm passado despercebidas de quem vive as constantes e velozes mudanças dos tempos atuais.

No primeiro capítulo, *A agonia de Tântalo*, o sociólogo começa contando sobre este mito grego: Tântalo era um filho bem quisto de Zeus, mas que cometeu o crime de compartilhar o conhecimento divino com os seres humanos. Em razão disso, sofre a seguinte punição: tem ao seu dispor frutas e água para saciar sua fome ou sua sede mas, no momento de ingeri-los, vê seu alimento ser levado pelo vento. Por meio da punição de Tântalo, a história mítica revela a mensagem que, para encontrar a felicidade despreocupada, deve-se manter a inocência. Mesma mensagem é trazida, segundo Bauman, pela história bíblica de Adão e Eva, na medida em que os dois foram expulsos do paraíso por comerem do fruto do conhecimento.

Essas duas narrativas são revisitadas no conceito de comunidade, sobre a qual Bauman discorre que o entendimento entre as pessoas que dela fazem parte é dito de *natureza tácita*, não sobrevivendo ao auto exame. Se a comunidade fala ou reflete acerca de si mesmo - isto é, se se autoconhece -, gera uma contradição. O autor, então, se utiliza de uma divisão de Robert Redfield², o qual explica por que, em uma verdadeira comunidade, não há motivo pra reflexão: uma comunidade é *distinta* de outros grupos de humanos, com seu início e fim bem delimitados; *pequena*, estando à vista de todos os seus

¹ Graduada em Direito pela Universidade Federal de Pelotas e aluna do Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (Pelotas – RS).

² Antropólogo, sociólogo e etnolinguista americano.

membros; e *auto-suficiente*, atendendo a todas as necessidades dos que dela fazem parte.

Bauman nos explica que essa divisão não é aleatória. A *distinção* é a divisão clara entre o *nós* e o *eles* e não deve haver ambivalência nesse sentido. *Pequenez* significa que a comunicação dentro do grupo é densa, colocando os significados que eventualmente vêm de fora em desvantagem. Por último, *auto-suficiência* é o isolamento em relação aos membros de fora do grupo. A comunidade natural é, portanto, feita de homogeneidade. Quando a comunicação entre os que estão dentro da comunidade e os que estão fora se intensifica, a homogeneidade desaparece. Segundo Bauman, a fronteira que separava o *dentro* e o *fora* foi brutalmente atingida pelo surgimento dos meios de transportes e da informática, que aumentaram o fluxo de pessoas e de informações, de modo que o que resta hoje para aqueles que ainda procuram o conforto comunitário é um acordo artificial que está sempre à mercê de vigilância, reforço e defesa.

Assim surge a questão da individualidade como a substituta *post mortem* da comunidade. Em tempos de globalização, a busca da identidade é o caminho que promete trazer segurança e confiança. Do conjunto dessas individualidades surge o que Bauman denomina de *comunidades cabides*, que de maneira bem vulnerável buscam oferecer algum porto seguro contra as incertezas enfrentadas individualmente. É nesse sentido que ele amarra as comunidades contemporâneas ao Mito do início do capítulo, na medida em que afirma que “os contemporâneos em busca da comunidade estão condenados à sina de Tântalo” (BAUMAN, 2003, p. 22). No segundo capítulo, *A reinserção dos desenraizados*, Bauman se aprofunda um pouco nas questões que envolvem a dicotomia segurança *versus* liberdade. Desde que surgiu, a individualização expressou a troca desses dois valores humanos – abre-se mão da liberdade pela segurança.

Para poucos abastados, tal mudança não trouxe tantas consequências já que, em razão de seus privilégios, puderam exercer sua liberdade pessoal com segurança, alcançando um certo nível de emancipação individual. Contudo, para as massas dos menos afortunados, essa mutação originou uma rotina de *supressão*. A outrora vigilância exercida pela comunidade foi substituída pela rigorosa e exaustiva rotina das indústrias capitalistas e, a honra do *trabalho bem-feito* (típico dos artífices e artesãos), pelo controle do capataz. Assim, duas tendências descenderam do capitalismo moderno: a substituição do entendimento natural da comunidade pela rotina projetada artificialmente e permanentemente monitorada; e a tentativa de ressuscitar o sentido comunitário dentro

dessa nova estrutura de poder.

No terceiro capítulo, *Tempos de desengajamento ou a grande transformação*, Bauman começa dissertando sobre a fonte do poder na primeira modernidade. Esse poder já não consistia mais na luta pelas posses, mas advinha da capacidade de comando e gerência. Passada a destruição causada pelas guerras e com a Europa se reerguendo, esse contexto viria a se modificar: na modernidade tardia a *dominação* deixa de ser a palavra de ordem e dá seu espaço à *desregulamentação*, o que significa que os que detinham o poder já não tinham necessidade de controlar os demais sujeitos – e é assim que os governados são abandonados à incerteza dos seus próximos passos. Nesse contexto, a disciplina anda por conta própria. Bauman ressalta:

Quando a ameaça da mudança unilateral ou do fim dos arranjos correntes por parte daqueles que decidem o meio em que os afazeres da vida devem ser realizados paira perpetuamente sobre as cabeças daqueles que os realizam, as chances de resistência aos movimentos dos detentores do poder, e particularmente de resistência firme, organizada e solidária, são mínimas - virtualmente inexistentes (BAUMAN, 2003, p. 42).

Sob as novas condições, desataram-se os últimos laços firmes da comunidade. Ainda que em conjunto, os indivíduos não puderam mais somar suas causas nem lutar por elas em uníssono, pois já não existia mais uma causa comum. Com a decadência da comunidade, a desintegração dos laços humanos foi a próxima consequência. O quarto capítulo é intitulado *A secessão dos bem-sucedidos*. Para falar sobre esse tema, Bauman recorre à ópera *Don Giovanni*, de Mozart, a partir da qual explica que o passatempo de Don Juan era a sedução das mulheres e que seu interesse nelas terminava assim que sua conquista triunfava. O exemplo é usado para explicar que a fórmula de vida de Don Giovanni “postulava a ausência de comunidade” (BAUMAN, 2003, p. 52).

Nos dias atuais, assim agem os bem-sucedidos na estratégia de vida de secessão. Essas pessoas se isolam em comunidades cercadas (como os condomínios fechados), onde podem se manter distantes dos demais sujeitos que possam ter um modo de vida alternativo ao seu: “o que seus moradores estão dispostos a comprar ao preço de um braço ou uma perna é o direito de manter-se à distância e viver livre dos intrusos” (BAUMAN, 2003, p. 52). Essa secessão é, segundo Bauman, a fuga da comunidade. Por último, Bauman nos apresenta o *indivíduo cosmopolita*, que é aquele cujo estilo de vida preza pela secessão das massas, pela globalização e pela irrelevância do lugar, com o gosto pela

variedade. Enquanto as pessoas comuns estão presas ao chão, essa elite global, segundo o autor, passa sua vida em uma *zona de livre comunidade*.

No quinto capítulo, *Duas fontes do comunitarismo*, Bauman traz para discussão, novamente, a figura do novo cosmopolita. Esse é exatamente o indivíduo que considera não precisar da comunidade, pois ela traz a ideia, segundo o sociólogo, de uma obrigação fraterna, partilhando vantagens entre os seus membros. Assim, o comunitarismo acabou se tornando sinônimo de uma filosofia dos fracos, onde a obrigação de compartilhar não é bem vista. Outro esclarecimento importante neste capítulo é a questão da *comunidade estética*, conceito kantiano³ adotado por Bauman. Embora a elite cosmopolita se esforce para se manter longe da obrigação fraterna de uma comunidade natural, isso não significa que eles não façam parte de um tipo específico de comunidade, como bem expresso no excerto a seguir:

(...) Assim como a beleza se resume à experiência artística, a comunidade em questão se apresenta e é consumida no “círculo aconchegante” da experiência. Sua “objetividade” é tecida com os transitórios fios dos juízos subjetivos, embora o fato de que eles sejam tecidos juntos empreste a esses juízos um toque de objetividade (BAUMAN, 2003, p. 62).

A comunidade estética atua ora pela sedução, através da indústria do entretenimento e suas celebridades, ora pela figura do inimigo público ou dos problemas rotineiros dos indivíduos. Quanto ao primeiro caso, a autoridade das celebridades, sobretudo atualmente, se manifesta por meio de seus números de seguidores ou espectadores, sobre os quais utiliza o seu poder de sedução. Esses ídolos representam a própria instabilidade e transitoriedade. Como exemplo de um inimigo público, o autor cita o caso de um pedófilo à solta em determinada região, fazendo com que os indivíduos do lugar se aglomerem em torno dessa comunidade transitória. O sociólogo afirma que a *comunidade estética* também pode ser chamada de *comunidade cabide* (BAUMAN, 2003, p. 67), uma vez que, durante a breve duração dessas comunidades, as preocupações que devem ser enfrentadas individualmente são “penduradas” (como em cabides) para serem encaradas posteriormente. No sexto capítulo, *Direito ao reconhecimento, direito à redistribuição*, afirma Bauman que, na modernidade sólida, havia a visão de um estado final, uma sociedade justa. Com a modernidade líquida prevaleceram as forças da mudança, onde cada indivíduo é liberado para, sozinho, encontrar seu próprio nível

³ Referente ao filósofo prussiano Immanuel Kant (1724 - 1804).

(eminentemente transitório). Assim, os políticos abandonaram o modelo de justiça social atentado para um padrão de direitos humanos.

O modelo de justiça social tem características substantivas e compreensivas, enquanto o de direitos humanos é formal e aberto. Dentro da regra dos direitos humanos são traçadas as *batalhas de reconhecimento*:

isto é, repetidas demonstrações de força para descobrir o quanto o adversário pode ser empurrado para trás, de quantas de suas prerrogativas ele poderá ser forçado a abrir mão e que parte da reivindicação ele poderá ser persuadido, compelido ou subornado a reconhecer. Com todas as suas ambições universalistas, a consequência prática do apelo aos “direitos humanos” e da busca do reconhecimento é uma situação envolvendo sempre novas frentes de batalha e um traçar e retraçar das linhas divisórias que propiciarão conflitos sempre renovados (BAUMAN, 2003, p. 70).

A nova elite do poder, então, abandonou as ambições que eram comuns às elites modernas, qual seja, a ambição de produzir uma nova e melhor ordem e a busca por um projeto de “alta civilização, alta cultura e alta ciência” (BAUMAN, 2003, p. 70). Como consequência de tudo isso, as reivindicações de reconhecimento tornaram-se sectárias. A forma de reverter essa situação seria, conforme Bauman, substituir o contexto da auto-realização pelo da justiça social, onde as demandas por reconhecimento seriam veículos de integração e não de divisão. O sétimo capítulo, *Da igualdade ao multiculturalismo*, começa tratando das minorias étnicas. Bauman afirma que elas são uma espécie de exceção à desintegração da comunidade ortodoxa. Entretanto, no caso dessas minorias, não se trata de uma opção: não há consentimento por parte daqueles que pertencem a este grupo e os seus limites são impostos de fora, por parte das comunidades mais poderosas.

O fenômeno da minoria étnica tem relação, segundo o autor, “com a passagem do estado moderno de construção da nação para o estágio pós-Estado-nação” (BAUMAN, 2003, p. 83). No Estado-nação não deveria haver diversificação étnica entre os súditos e a produção de lealdade e obediência patrióticas eram as palavras de ordem. Eram duas as facetas de construção desse Estado-nação: a nacionalista, que ocorria por assimilação, e a liberal, que ocorria por perecimento. A face nacionalista era a mais severa: se o uso da persuasão e da doutrinação não funcionasse, era utilizado o uso da força e coação. Quanto à face liberal, ela tinha uma imagem mais benévola e possuía aversão à coação, porém recusava liberdade aos inimigos da liberdade e tolerância aos que não possuíam tolerância (BAUMAN, 2003, p. 84). Em ambos os casos, o resultado foi o mesmo: não havia espaço

para as comunidades que, ou eram assimiladas, ou pereciam. Contudo, essas minorias acabam por enfrentar um dilema arriscado: ao aceitar a oferta de assimilação, acabam suspeitos do vício da traição pelos seus comunitários e, ao recusar essa oferta, sofrerão a acusação de duplicidade. Ainda há aqueles a quem o direito de assimilação foi negado, já que essa é uma decisão que cabe à classe dominante.

Por fim, Bauman traz algumas reflexões acerca do pluralismo cultural e sua política, chamada de multiculturalismo. Essa política é marcada pela tolerância liberal e pelo reconhecimento público das identidades de uma comunidade (por herança ou por escolha). Entretanto, sua força é conservadora na medida em que denominam de diferenças culturais as desigualdades incapazes de obter aceitação pública. Assim, o multiculturalismo é um mero joguete nas mãos da globalização. No oitavo capítulo, *O nível mais baixo: o gueto*, Bauman começa seu texto preparando o leitor para compreender o significado que o gueto ocupa na nossa sociedade. Para chegar nesse destino, ele reflete a respeito da própria sociedade como uma entidade que deixou de ter uma aparência paternal e de cuidado e transformou-se num espaço em que os indivíduos devem exercer, por si mesmos, a procura da sobrevivência e do progresso. A noção de *boa sociedade* não tem mais importância.

Não sendo um lar seguro para todos, a sociedade deixou de cumprir as antigas promessas e a segurança deve ser um bem protegido individualmente. Assim, deve cada grupo defender-se por si mesmo das mazelas do mundo, e inclusive a elite busca essa proteção. Contudo, para os afortunados, essa é uma segurança adquirida com base em seus recursos da conta bancária, que os possibilita morar em bairros de proteção, os quais ganham a alcunha de *guetos voluntários* (BAUMAN, 2003, p. 106). O sociólogo deixa bem claro que existe uma sensível diferença entre pertencer aos *guetos voluntários* ou aos *guetos reais*. Enquanto no primeiro se dá uma opção baseada na *segurança da mesmice*, no segundo caso há uma situação sem alternativa, onde os moradores se veem confinados em uma verdadeira prisão.

A guetificação é paralela e complementar à criminalização da pobreza; há uma troca constante de população entre os guetos e as penitenciárias, um servindo como grande e crescente fonte para outra. Guetos e prisões são dois tipos de estratégia de “prender os indesejáveis ao chão”, de *confinamento e imobilização* (BAUMAN, 2003, 109).

Ainda que confinadas em um mesmo gueto, isso não significa que as pessoas que

ali residem formem uma verdadeira comunidade, pelo contrário. A humilhação pública a que todos são submetidos conjuntamente só alimenta o ódio e desprezo mútuos. Há um sentimento de que parecer com o outro o torna mais indigno do que já é. Nas palavras de Bauman, “gueto quer dizer *impossibilidade de comunidade*” (BAUMAN, 2003, P. 111). No último capítulo da obra, *Muitas culturas, uma humanidade?*, para abordar a questão das culturas e sua relação com a humanidade, o sociólogo começa tratando do multiculturalismo como a forma com que as classes ilustradas fazem a reconciliação das diversas classes à nova realidade.

O “multiculturalismo” é a resposta mais comum dada em nossos dias pelas classes ilustradas e formadoras de opinião para a incerteza do mundo sobre os tipos de valores que merecem ser apreciados e cultivados, e sobre as direções que devem ser seguidas com férrea determinação (BAUMAN, 2003, p. 112).

As tarefas que a elite ilustrada já desempenhou sempre estiveram interligadas com a construção do Estado e da nação: eram as responsáveis pela orientação e pelo objetivo de vida de homens e mulheres, bem como pela tarefa de auxiliar no trabalho dos legisladores. Essa construção exigia o movimento de administradores e professores; porém, Bauman sugere que hoje esse planejamento é desnecessário, já que os tempos são de desencajamento. Nos tempos de desencajamento tem-se o fim da normatização com sua substituição pelo desejo do excesso, o que começou a acontecer quando deixou-se de viver em uma sociedade de produtores para embarcar em uma sociedade de consumidores (a mentalidade do consumo surgiu no final do século XIX). Na sociedade de produtores, excesso e desperdício eram equivalentes, devendo ser ambos evitados, mas, na sociedade da mentalidade do consumo, o excesso passou a ser o único remédio possível para as doenças da vida. Por último o autor debate a questão do direito à diferença e da diversidade cultural e explica que esse é o ponto de partida para qualquer discussão que envolva valores humanos e que o referencial para esse debate deve ser sempre a república. Para que ocorra o diálogo entre as mais diferentes culturas é preciso que a sensação de segurança seja vencida, de forma que as comunidades possam abrir-se umas às outras.

Bauman conclui sua obra afirmando que nós sentimos falta da comunidade por que nos sentimos inseguros e que a segurança é fundamental para uma vida feliz. O problema é que atualmente habitamos uma realidade onde sentir-se seguro está longe de ser uma prioridade. Esse universo fluído, desregulamentado e imprevisível nos obriga a procurar, individualmente, a solução de problemas compartilhados, processo que gera grande

ansiedade. Toda essa insegurança e ansiedade voltam-se para os cuidados com a proteção, tomando o lugar do espaço que deveria ser preenchido pela comunidade. Algumas tarefas não podem e não devem ser enfrentadas individualmente e, por isso, seguir esfarelado a noção de comunidade não acarretará nenhum bem.

Comunidade: a busca por segurança no mundo atual é um livro denso e que explora o mundo globalizado sem romantismos, a partir de um ponto de vista realista, característica do autor da obra. Entretanto, esse não é um livro pessimista, pelo contrário: ao expor as inquietudes da contemporaneidade, Bauman nos oferece a oportunidade de refletir e rever alguns dos nossos hábitos cotidianos e nossos posicionamentos sociais. A partir desta obra específica, passamos a meditar acerca da importância da comunidade e da sociedade nas nossas decisões individuais. De posse da informação de que o bem comum já não tem a mesma relevância que já exerceu no início da modernidade, é possível orientar as novas gerações a repensarem uma forma de vida que não priorize somente a autonomia, mas que viabilize a convivência pacífica e coletiva. Neste aspecto, a obra mostra todo o seu potencial como leitura a ser utilizada em estudos na área da educação: as diferenças sociais entre os alunos de diferentes escolas (públicas e particulares) e a inserção desses alunos no mercado de trabalho são temas que podem ser debatidos a partir das perspectivas baumanianas - quando nos fala do gueto, por exemplo, o autor abre a possibilidade para que o professor reflita a respeito do ambiente em que aquele aluno foi criado, facilitando o diálogo em docente e educando. Este é apenas um exemplo de como tal obra pode acrescentar valorosas camadas para discussões no campo da Educação motivo pelo qual indicamos sua leitura.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Comunidade**: A busca por segurança no mundo atual. Tradução de Plínio Dentzien. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.